

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO VII – Bem-aventurados os pobres de Espírito

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Índice

| | |
|--|----|
| Capítulo VII – Bem-aventurados os pobres de Espírito. | 03 |
| O que se deve entender por pobres de espírito | 03 |
| Por que primeiro a humildade | 04 |
| Bem-aventurados os pobres de espírito | 06 |
| Aquele que se eleva será rebaixado | 09 |
| O Evangelho segundo o Espiritismo | 11 |
| O Espiritismo na sua expressão mais simples | 13 |
| Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes | 16 |
| Mistérios ocultos | 17 |
| Incrédulos e sábios | 18 |
| Instruções dos Espíritos. O orgulho e a humildade | 20 |
| A mensagem da humildade | 23 |
| Viver em paz | 24 |
| Missão do homem inteligente na Terra | 26 |
| Missão do homem inteligente na Terra | 27 |
| Inteligencia e instinto | 29 |

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec

Capítulo VII – Bem-aventurados os pobres de Espírito

O que se deve entender por pobres de Espíritos – Aquele que se eleva será rebaixado – Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes

Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra.

1. O que se deve entender por pobres de Espíritos

1. Bem-aventurados os pobres de Espírito, pois que deles é o reino dos céus.
(S. MATEUS, cap. V, v. 3.)

2. A incredulidade zombou desta máxima: **Bem-aventurados os pobres de Espírito**, como tem zombado de muitas outras coisas que não compreende. Por pobres de espírito Jesus não entende os baldos de inteligência, mas os humildes, tanto que diz ser para estes o reino dos céus e não para os orgulhosos.

Os homens de saber e de Espírito, no entender do mundo, formam geralmente tão alto conceito de si próprios e da sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de lhes merecer a atenção. Concentrando sobre si mesmos os seus olhares, eles não os podem elevar até Deus. Essa tendência, de se acreditarem superiores a tudo, muito amiúde os leva a negar aquilo que, estando-lhes acima, os depreciaria, a negar até mesmo a Divindade. Ou, se condescendem em admiti-la, contestam-lhe um dos mais belos atributos: a ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que eles são suficientes para bem governá-lo. Tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a tudo compreender, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência extra-humana, não é que isso lhes esteja fora do alcance; é que o orgulho se lhes revolta à ideia de uma coisa acima da qual não possam colocar-se e que os faria descer do pedestal onde se contemplam. Daí o só terem sorrisos de mofa para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível. Eles se atribuem espírito e saber em tão grande cópia, que não podem crer em coisas, segundo pensam, boas apenas para gente simples, tendo por pobres de espírito os que as tomam a sério.

Entretanto, digam o que disserem, forçoso lhes será entrar, como os outros, nesse mundo invisível de que escarnecem. É lá que os olhos se lhes abrirão e eles reconhecerão o erro em que caíram. Deus, porém, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que lhe desconheceu a majestade e outro que humildemente se lhe submeteu às leis, nem os aquinhoar em partes iguais.

Dizendo que o reino dos céus é dos simples, quis Jesus significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a **simplicidade de coração e humildade de espírito**; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele. Mais vale, pois, que o homem, para felicidade do seu futuro, seja pobre em espírito, conforme o entende o mundo, e rico em qualidades morais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 142 – 24/01/2010

O Consolador – (Davilson Silva)

I. O que se deve entender por pobres de espírito

Por que primeiro a humildade

Jesus Cristo nunca se cansou de combater o orgulho e de enaltecer a humildade, virtude da qual

Ele, o Mestre, deu vários exemplos, consoante, evangelhos.

A humildade, um dos valores essenciais da Alma, estimula-nos a examinar as fraquezas enquanto o orgulho, ou sentimento de amor-próprio exagerado, o grande estorvo da elevação espiritual do homem e a razão de suas desventuras, evita observá-las. “Pobreza de espírito”, ou “humildade de espírito”, ou “humildade de coração”, quer dizer: modéstia, simplicidade, pureza, daí, Jesus ter priorizado esse dispositivo.

O Evangelho segundo Mateus corrobora nossa afirmativa:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que deles é o reino dos céus”.
(Mateus, 5:3.)

Não foi à toa que o Mestre falou assim logo de início no sermão do monte. Os Espíritos têm frequentemente se assentado, em suas mensagens escritas ou faladas, via mediúcnica, nesse primeiro item das promessas de Cristo. Essa redundância está na razão direta da primazia de se ser humilde antes de tudo, mas **de coração**; não se pode, pois, ser realmente caridoso sem “pobreza”, ou “humildade”, de espírito.

O sentimento exagerado de alguns chega ao absurdo de pensar que Deus discrimina o pobre do rico. Para o nosso Pai Eterno, somos todos iguais: não há diferença entre o sangue que corre nas veias de uma rainha e o que corre nas veias de uma simples dona de casa; o organismo físico dos Sumos Pontífices não difere do organismo de ninguém!

E por falar em vigários, uma vez, um deles que costumava desmerecer o Espiritismo, os fenômenos espíritas e até criticar Chico Xavier, sempre que oportuno, ao tentar dar uma opinião, durante um programa de grande audiência de uma emissora de TV, falou deste jeito: “Bem, de acordo com a humildade que me caracteriza.” Não preciso dizer que isso motivou ditos chistosos, gracejos, comentários. É tolice a pessoa considerar-se superior por pertencer à alta hierarquia social, achar-se melhor que outras só porque é branca ou negra, ou de outra cor; só porque nasceu nesse ou naquele país, é adepta ou representa essa ou aquela religião, uma seita. Ora, se hoje possuímos alta posição, se pertencemos a essa ou àquela nacionalidade, se a nossa pele é dessa ou daquela cor, se cremos assim ou assado, amanhã poderemos ser completamente diferentes de acordo com as medidas impositivas da Lei de Causa e Efeito.

As leis divinas encerram muita sabedoria, Deus nada faz de inútil, daí as reencarnações regeneradoras. Ele, em Sua absoluta sapiência e equidade, planejou o reencontro das mesmas pessoas para que estas adquirissem nova chance de reparos e não alegassem depois, com a troca das anteriores condições, ignorância de tais e tais fatos.

A humildade e caridade, segundo o Espírito Lacordaire, é uma virtude muito desprezada entre os homens. Em sua opinião, apresentar-se com uma, e sem a outra, é o mesmo que vestir belo traje de talhe perfeito para ocultar uma deformidade física. Disse:
“Sem humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuíis”

Pois é. O significado dessa palavra varia. Existem homens e mulheres que, à primeira vista, nos encantam pela simplicidade: a aparência, a profissão, o cargo que ocupam, enfim, a posição social, econômica. Nas mais das vezes, porém, nada têm a ver com **humildes de coração**. Outros parecem a doçura em pessoa, humildes no falar; no entanto, se contrariados,

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

mal podem esconder a extremada arrogância, a prepotência. A humildade não possui duas caras, é afável, fraterna.

Também podemos incluir como contrastes da verdadeira humildade outros exemplos. Refiro-me a pobres ou miseráveis que mendigam pelas ruas e a alguns ignorantes do saber, mas que são orgulhosos. Todavia, há homens de grandes posses e pessoas que ocupam cargos importantes, alguns dos quais sábios mesmos; a modéstia e o altruísmo que lhes caracterizam envergonhariam a ignorância assoberbada em andrajos ou em vestes limpas, requintadas, se esta os enxergasse pelo altruísmo que praticam sem vanglória, pela simplicidade.

Sócrates, filósofo grego, há quinhentos anos antes de Cristo, declarou não saber absolutamente de tudo. Ele, o modelo dos sábios, disse: “Sei que nada sei”. Jesus, símbolo da humildade e bondade, sequer insinuou ser Deus: nunca exigiu mesuras de pretensos sacerdotes Seus em altares floridos, recamados de ouro, ou nos palcos espetaculosos dos, mega, cultos televisivos, tampouco alimentou a vaidade de Se considerar chefe de uma religião ou do que quer que seja. No pretório, questionado por Pilatos — “és rei?” —, respondeu-lhe tranquilamente sem nenhuma insolência: “tu dizes que sou” (João, 19,37.)

Portanto, gente, humildade, força moral por excelência, nivela todos os homens como irmãos e os estimula à prática mútua do bem; orgulho, ao contrário, uma fraqueza: dispersa, odeia, revida e faz o homem sucumbir ante a menor das contrariedades, sentindo-se permanentemente infeliz. Ser humilde é ser corajoso durante os reveses da vida, é perseverar no combate às próprias más tendências, é, portanto, vencer os obstáculos naturais, mas sem revolta, sem violência, perdendo a quem nos ofenda, trabalhando, servindo abnegada e incessantemente — isso é ser humilde conforme Jesus.

Jean Baptiste Henri Lacordaire (1802/1861) foi um sacerdote e católico dominicano, membro da Academia Francesa. Veja mensagem sua, ditada em 1863, em Constantina, Argélia, inserida em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, cap. VII, item 11, O orgulho e a humildade.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 350 – 16/02/2014

O Consolador – (Jorge Leite de Oliveira)

I. O que se deve entender por pobres de espírito

Bem-aventurados os pobres de espírito

Um texto que deveríamos ler e refletir, diariamente, é o Sermão da Montanha, no capítulo 5 do Evangelho de Mateus. Essa passagem de Jesus é uma das mais belas páginas que o Mundo já recebeu. É um dos mais perfeitos, elevados e completos cursos de iniciação espiritual, legados a todos nós.

Cada bem-aventurança merece ser comentada em separado. Vamos começar pela primeira: “Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o Reino dos Céus”.

Allan Kardec, n’**O Evangelho segundo o Espiritismo**, capítulo VII, destaca a oposição entre humildade e orgulho. A primeira é típica dos Espíritos superiores, sendo que o mais elevado de todos é o próprio Jesus, manso e humilde de coração, consoante, suas próprias palavras em Mateus, (capítulo 11: 28-30.): “Venham a mim todos aqueles que se encontram oprimidos e cansados, e eu os aliviarei. Tomem sobre vocês o meu manto e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração; e vocês alcançarão descanso para suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

Pobres de espírito não são os desprovidos de inteligência, diz Kardec, mas os que são humildes. Para os últimos é que está reservado o Reino de Deus, para os que buscam o conhecimento, a riqueza interior.

Já para algumas pessoas que detêm muito estudo, nem todas, felizmente, até mesmo a ideia de Deus soa como infantilidade dos que consideram “pobres de espírito”. É a falsa superioridade de quem apenas conhece o lado teórico das coisas.

E essa é a grande diferença entre o que possui saberes e o verdadeiro sábio. Aquele nega a Deus, pois seu orgulho do suposto conhecimento o faz rejeitar as mensagens do mundo invisível. Para essas pessoas, as máximas de Jesus são boas apenas quando são utilizadas no controle dos atos de criaturas simples, facilmente manipuladas pelos mais espertos.

Um dia, porém, explica Kardec, os pretensos sábios da Terra penetrarão o mundo invisível que tanto negaram, então já não lhes será possível manter a empáfia e se sentirão humilhados.

Pobres de espírito, nas palavras de Jesus, não são os simplórios, os ingênuos, ignorantes, e sim os que possuem simplicidade de coração e humildade espiritual. Mais vale, então, para a felicidade futura, que sejamos pobres em espírito e ricos moralmente.

Em Lucas, capítulo 22, versículo 27, o Senhor nos transmite esta belíssima imagem da grandeza espiritual que possui e espera de cada um de nós, para que possamos ser seus dignos discípulos: “Pois qual é o maior: quem está à mesa ou quem serve? Não será quem está à mesa? Eu, porém, sou, entre vocês, como aquele que serve”.

E, em João, capítulo 13, o Mestre cobre-se com uma toalha, enche uma bacia de água e lava os pés de seus discípulos, após o que lhes recomenda que aquele que desejar ser o maior, que se faça o servidor dos demais, como ele, nosso Mestre e Senhor, o fazia.

Essas considerações levam-nos a recomendar a todos que nos leem uma atitude de permanente doação, perante a vida e as pessoas.

Atitude de amor incondicional, principalmente àqueles que não nos compreendem, atos voltados à prática permanente da humildade sem jamais nos exirmos de ser úteis.

Humildade sempre:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Haja o que houver na vida, neste mundo,
Unicamente isto é imprescindível:
Muita humildade, muito amor, profundo
Idealismo, elevação do nível.
Luta contra o sentido falso, oriundo
Da imperfeição humana bem visível
Ao mudo apelo, apelo mudo e fundo
De tua consciência ultrassensível
Em seu olhar perscrutador, rotundo.

Sente a humildade de reconhecer
Em cada ser humano a irmã e o irmão
Membros do Grande Todo a florescer
Para frutificar na elevação
Rumo ao Supremo Pai de todo ser
E sentirás Jesus no coração.

Os pobres de espírito do Sermão do Monte podemos ser nós, quando já não nos julgamos acima dos nossos semelhantes, por termos entrado em contato com a sublime mensagem do Cristo. Mas nosso orgulho ainda se manifesta no momento em que deixamos de praticar a compaixão para com os desafortunados, como ocorreu na história psicografada por Francisco Cândido Xavier, no livro **A boa nova**, que sintetizamos a seguir.

Conta-nos o Espírito Humberto de Campos que os enfermos e pobres de Corazim, Magdala, Betsaida, Dalmanuta e outras aldeias das proximidades de Cafarnaum enchiam as suas ruas, na época inesquecível da presença do Senhor na Terra. Os discípulos eram procurados. Felipe, pelos doentes, Pedro pelos pobres, que rodeavam sua casa em busca de um lenitivo para suas dores no mundo.

Assim, nos primeiros dias do apostolado, pequeno grupo de infelizes procurou Levi (Mateus), o apóstolo publicano, em sua casa confortável. Queriam explicações sobre o Evangelho do Reino dos Céus.

Mateus, demonstrando, nessa época, estranheza, disse-lhes que, no novo Reino, Jesus reuniria todos os corações sinceros e de boa vontade desejosos de irmanar-se como filhos de Deus.

Mas, perguntou-lhes, o que julgavam poder fazer, se um era aleijado, o outro fora abandonado pela família e outro mais vivia aflito?

Essas pessoas entristeceram-se. Sentiram-se humilhadas pelas palavras do apóstolo, as quais os faziam sentirem-se inúteis. No entanto, aguardariam, mais tarde, a presença de Jesus, que pregaria no monte.

A esperança haveria de retornar aos seus corações.

Antes, porém, de dirigir-se para a montanha, onde uma multidão já o aguardava, Jesus esteve também com Mateus e, após ouvi-lo sobre a recusa deste à contribuição dos desafortunados, esclareceu-lhe com carinho:

— No entanto, Levi, precisamos amar e aceitar a preciosa colaboração do mundo!

Se o Evangelho é a Boa Nova, como não há de ser a mensagem divina para eles, tristes e deserdados, na imensa família humana?

Mateus comoveu-se, mas respondeu desapontado:

— Só quis expressar meu desejo de apressar a supremacia do Evangelho ante os que governam o mundo.

Jesus, com bondade, tornou a dizer-lhe:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

— Quem governa o Mundo é Deus, e o Seu Amor não tem pressa. “Os triunfadores do mundo são pobres seres que caminham por abismos tenebrosos”.

É preciso atentarmos na alma branda e humilde dos vencidos, a quem Deus envia bênçãos de bondade infinita. Amemo-los e ajudemo-los. Suas lágrimas adubam a Terra e a semente do Evangelho germinará para a luz da vida com o sacrifício dessas pessoas simples e esperançosas.

Os demais apóstolos chegaram, e o grupo seguiu para um dos montes próximos onde Jesus pronunciou seu sermão. E foi assim que sua primeira frase foi esta: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”.

Sejamos, pois, pobres de espírito como exemplificou Jesus, que, sendo o Governador da Terra, não se sentiu diminuído em ter como amigos e lavar os pés de simples pescadores e homens do povo.

Façamos como Ele, que agiu com humildade e espírito de serviço ao próximo, sem qualquer desejo de retribuição, ou de reconhecimento, mas por puro amor. Somente assim alcançaremos o Reino do Céu.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

2. Aquele que se eleva será rebaixado

3. Por essa ocasião, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: “Quem é o maior no Reino dos Céus?”

– Jesus, chamando a si um menino, o colocou no meio deles e respondeu: “Digo-vos, em verdade, que, se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no Reino dos Céus. Aquele portanto, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no Reino dos Céus e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe.”

(Mateus, 18:1 a 5.)

4. Então, a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, dando a entender que lhe queria pedir alguma coisa. Disse-lhe Ele: “Que queres?” “Manda”, disse ela, “que estes meus dois filhos tenham assento no teu Reino, um à tua direita e o outro à tua esquerda”

– Mas Jesus lhe respondeu: “Não sabes o que pedes: podeis vós ambos beber o cálice que Eu vou beber?”

– Eles responderam: “Podemos.” – Jesus lhes replicou: “É certo que bebereis o cálice que Eu beber; mas pelo que respeita a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não me cabe a mim vo-lo conceder; isso será para aqueles a quem meu Pai o tem preparado.” – Ouvindo isso, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. Jesus, chamando-os para perto de si, lhes disse: “Sabeis que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com império. Assim não deve ser entre vós; ao contrário, aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servo; e aquele que quiser ser o primeiro entre vós seja vosso escravo; do mesmo modo que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos.”

(Mateus, 20:20 a 28.)

5. Jesus entrou em dia de sábado na casa de um dos principais fariseus para aí fazer a sua refeição. Os que lá estavam o observaram. — Então, notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola, dizendo: “Quando fordes convidados para bodas, não tomeis o primeiro lugar, para que não suceda que, havendo entre os convidados uma pessoa mais considerada do que vós, aquele que vos haja convidado venha a dizer-vos: dai o vosso lugar a este, e vos vejais constrangidos a ocupar, cheios de vergonha, o último lugar. — Quando fordes convidados, ide colocar-vos no último lugar, a fim de que, quando aquele que vos convidou chegar, vos diga: meu amigo, venha mais para cima. Isso então será para vós um motivo de glória, diante de todos os que estiverem convosco à mesa; — porquanto todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado.”

(S. LUCAS, cap. XIV, vv. 1 e 7 a 11.)

6. Estas máximas decorrem do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor e que ele formulou assim: “Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que o reino dos céus lhes pertence.” Ele toma uma criança como tipo da simplicidade de coração e diz: “Será o maior no reino dos céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, isto é, que nenhuma pretensão alimentar à superioridade ou à infalibilidade. A mesma ideia fundamental se nos depara nesta outra máxima: Seja vosso servidor aquele que quiser tornar-se o maior, e nesta outra: Aquele que se humilhar será exalçado e aquele que se elevar será rebaixado. Espiritismo sanciona pelo exemplo a teoria, mostrando-nos na posição de grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra; e bem pequenos, muitas vezes, os que na Terra eram os maiores e os mais poderosos. E que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo aquilo que faz a verdadeira grandeza no céu e que não se perde nunca: as virtudes, ao passo que os outros tiveram de deixar aqui o que lhes constituía a grandeza terrena e que se não leva para a outra vida: a riqueza, os títulos, a glória, a nobreza do

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

nascimento. Nada mais possuindo senão isso, chegam ao outro mundo, privados de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas. Conservaram apenas o orgulho que mais humilhante lhes torna a nova posição, porquanto vêm colocados acima de si e resplandecentes de glória os que eles na Terra espezinharam. O Espiritismo aponta-nos outra aplicação do mesmo princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que, numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem, em existência seguinte, às mais ínfimas condições, desde que os tenham dominado o orgulho e a ambição. Não procureis, pois, na Terra, os primeiros lugares, nem vos colocar acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer. Buscai, ao contrário, o lugar mais humilde e mais modesto, porquanto Deus saberá dar-vos um mais elevado no céu, se o merecerdes.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano II. Aquele que se eleva será rebaixado

Nº 305 – 31/03/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

114. Em verdade vos digo: os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são bem-amados meus. Instrui-vos na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e vos mostra o sublime objetivo da provação humana. Assim como o vento varre a poeira, que também o sopro dos Espíritos dissipe os vossos despeitos contra os ricos do mundo, que são, não raro, muito miseráveis, porquanto se acham sujeitos a provas mais perigosas do que as vossas.

(Cap. VI, item 6, o Espírito de Verdade)

115. Amai e orai; sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo de vossos corações. Ele, então, vos enviará o seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras: Eis-me aqui; venho até vós, porque me chamastes.

(Cap. VI, item 7, o Espírito de Verdade)

116. Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que lha pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda a parte, junto de cada lágrima colocou ele um bálsamo que consola. A abnegação e o devotamento são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. (Cap. VI, item 8, o Espírito de Verdade)

117. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem. O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação. O coração bate então melhor, a alma se asserena e o corpo se forra aos desfalecimentos, por isso que o corpo tanto menos forte se sente, quanto mais profundamente golpeado é o espírito.

(Cap. VI, item 8, o Espírito de Verdade)

118. Dizendo que o reino dos céus é dos simples, quis Jesus significar que a ninguém é concedido entrada nesse reino, sem a simplicidade de coração e a humildade de espírito, e que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferível ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele.

(Cap. VII, item 2)

119. Disse Jesus: “Graças te rendo, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por, as teres revelado aos simples e aos pequenos”

(Mateus, cap. XI, v. 25).

Pode parecer singular que Jesus renda, graças a Deus por haver revelado estas coisas aos simples e aos pequenos, que são os pobres de espírito, e por, as ter ocultado aos doutos e aos prudentes. É preciso entender, porém, que os primeiros são os humildes, que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a ninguém. Os outros são os orgulhosos, envaidecidos do saber humano, que negam a Deus ou o tratam de igual para igual.

(Cap. VII, itens 7 e 8)

120. O mesmo se dá hoje com as grandes verdades que o Espiritismo revelou. Alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos tão poucos esforços façam para os convencer. A razão é que estes últimos cuidam preferentemente dos que procuram, de boa-fé e com humildade, a luz, do que daqueles que se supõem na posse de toda a luz.

(Cap. VII, item 9)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

121. O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, mas a derrama em ondas por toda a parte, de tal sorte que só cegos não a veem. A esses não quer Deus abrir à força os olhos, dado que lhes apraz tê-los fechados. A vez deles chegará, mas é preciso que, antes, sintam as angústias das trevas e reconheçam que é a Divindade e não o acaso quem lhes fere o orgulho.

(Cap. VII, item 9)

122. Esses que se negam a reconhecer a verdade não trazem ainda maduro o espírito para compreendê-la, nem o coração para senti-la. O orgulho é a catarata que lhes tolda a visão. De que vale apresentar a luz a um cego? É preciso primeiro se lhe destrua a causa do mal.

(Cap. VII, item 10)

123. A humildade é virtude muito esquecida entre vós. Entretanto, sem humildade, podeis ser caridosos com o vosso próximo? Oh! não, pois que este sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente, e os induz ao bem. Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuís, como se trouxésseis um vestuário para ocultar as deformidades do vosso corpo. (Cap. VII, item 11, Lacordaire)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Estudo das obras de Allan Kardec

II. Aquele que se eleva será rebaixado

Nº 502 – 05/02/2017

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Espiritismo na sua expressão mais simples

152. Ore, cada um, segundo suas convicções e o modo que entenda seja o mais conveniente, porque a forma não é nada, o pensamento é tudo; a sinceridade e a pureza de intenção são essenciais; um bom pensamento vale mais que numerosas palavras, que se assemelham ao ruído de um moinho e onde o coração não está em nada.

(O Espiritismo na sua expressão mais simples – Máximas extraídas do ensinamento dos Espíritos.)

153. Deus fez homens fortes e poderosos para serem o sustentáculo dos fracos; o forte que oprime o fraco é maldito de Deus; frequentemente, disso recebe o castigo nesta vida, sem prejuízo do futuro.

(Obra citada)

154. A fortuna é um depósito do qual o possuidor não tem senão que usufruí-lo, uma vez que não o carrega com ele no túmulo; ele prestará uma conta severa do emprego que houver feito dele.

(Obra citada)

155. A fortuna é uma prova mais difícil que a miséria porque é uma tentação para o abuso e os excessos, e é mais difícil ser moderado que ser resignado.

(Obra citada)

156. O ambicioso que triunfa e o rico que se farta de gozos materiais são mais a lamentar do que a invejar, porque é necessário ver o retorno. O Espiritismo, pelos terríveis exemplos daqueles que viveram e que vêm revelar sua sorte, mostra a verdade desta palavra do Cristo: “Quem se eleva será rebaixado, e qualquer que se abaixe será elevado.”

(Obra citada)

157. A caridade é a lei suprema do Cristo: “Amái-vos uns aos outros como irmãos; amái vosso próximo como a vós mesmos; perdoai os vossos inimigos; não façais a outrem o que não gostaríeis que vos fizésseis”; tudo isso se resume na palavra caridade.

(Obra citada)

158. A caridade não está somente na esmola, porque há caridade em pensamentos, em palavras e em atos. Aquela é caridade em pensamentos, que é indulgente para com as faltas de seu próximo; caridade em palavras, que não diz nada que possa prejudicar o seu próximo; caridade em ações, que assiste seu próximo na medida de suas forças.

(Obra citada)

159. O pobre que reparte seu pedaço de pão com um mais pobre do que ele, é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus que aquele que dá de seu supérfluo, sem de nada se privar.

(Obra citada)

160. Quem nutre contra seu próximo sentimentos de animosidade, de ódio, de ciúme e de rancor, não é caridoso; ele mente e se diz cristão, e ofende a Deus.

(Obra citada)

161. Homens de todas as castas, de todas as seitas, e de todas as cores, todos sois irmãos, porque Deus vos chama a todos para ele; estendei-vos, pois, a mão, qualquer que seja a vossa

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

maneira de adorá-lo e não lanceis anátema, porque o anátema é a violação da lei de caridade proclamada pelo Cristo.

(Obra citada)

162. Com o egoísmo, os homens estão em luta perpétua; com a caridade, estarão em paz.

(Obra citada)

163. A caridade, fazendo a base de suas instituições, só ela pode assegurar sua felicidade neste mundo; segundo as palavras do Cristo, só ela pode também assegurar sua felicidade futura, porque encerra, implicitamente, todas as virtudes que podem conduzi-los à perfeição.

(Obra citada)

164. Com a verdadeira caridade, tal qual ensinou e praticou o Cristo, não mais de egoísmo, de orgulho, de ódio, de ciúme, de maledicência; não mais de agarramento desordenado aos bens deste mundo. Por isso o Espiritismo cristão tem por máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

(Obra citada)

165. Incrédulos! Podeis rir dos Espíritos, zombar daqueles que creem em suas manifestações; ride, pois, se ousais, dessa máxima que ele acaba de ensinar e que é a vossa própria salvaguarda, porque se a caridade desaparecesse de cima da Terra, os homens se dilacerariam mutuamente, e seríeis deles, talvez, as primeiras vítimas. Não está longe o tempo em que esta máxima, proclamada abertamente em nome dos Espíritos será uma prova de segurança, e um título de confiança em todos aqueles que a carregarão gravada em seu coração.

(Obra citada)

166. Um Espírito disse: “Zombe-se das mesas girantes; não se zombará jamais da filosofia e da moral que delas decorrem”. É que, com efeito, hoje estamos longe, depois de apenas alguns anos, desses primeiros fenômenos que serviram um instante de distração aos ociosos e aos curiosos.

(Obra citada)

167. Essa moral, dizeis, é antiquada: “Os Espíritos deveriam ter bastante espírito para nos dar alguma coisa de nova” (frase espirituosa de mais de um crítico). Tanto melhor! Se ela é antiquada, isso prova que é de todos os tempos, e os homens não são senão culpados por não tê-la praticado, porque não há verdades verdadeiras senão aquelas que são eternas.

(Obra citada)

168. Os Espíritos vêm vos chamar, não por uma revelação isolada feita a um único homem, mas pela voz dos próprios Espíritos que, semelhante à trombeta final, vêm proclamar-vos:

“Crede que aqueles que chamais mortos estão mais vivos que vós, porque eles veem o que não vedes, ouvem o que não ouvis; reconhecei, naqueles que vêm vos falar, vossos pais, vossos amigos, e todos aqueles que amastes na Terra e que acreditáveis perdidos sem retorno; infelizes aqueles que creem que tudo acaba com o corpo, porque serão cruelmente desenganados, infelizes aqueles que tiverem falta de caridade, porque sofrerão o que tiverem feito os outros sofrerem! Escutai a voz daqueles que sofrem e que vêm vos dizer: - Nós sofremos por termos desconhecido o poder de Deus e duvidado de sua misericórdia infinita; sofremos de nosso orgulho, de nosso egoísmo, de nossa avareza e todas as más paixões que não reprimimos; sofremos de todo o mal que fizemos aos nossos semelhantes pelo esquecimento da caridade”.

(Obra citada)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

169. Incrédulos! Dizei se uma doutrina que ensina semelhantes coisas é risível, se é boa ou má! Não a encarando senão do ponto de vista da ordem social, dizei se os homens que a praticassem seriam felizes ou infelizes, melhores ou maus!
(Obra citada)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

3. Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes

7. Disse, então, Jesus estas palavras: “Graças te rendo, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por, as teres revelado aos simples e aos pequenos.” (S. MATEUS, cap. XI, v. 25.)

8. Pode parecer singular que Jesus renda, graças a Deus, por haver revelado estas coisas aos simples e aos pequenos, que são os pobres de espírito, e por, as ter ocultado aos doutos e aos prudentes, mais aptos, na aparência, a compreendê-las. É que cumpre se entenda que os primeiros são os humildes, são os que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a toda a gente. Os segundos são os orgulhosos, envaidecidos do seu saber mundano, os quais se julgam prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-lo, porquanto, na antiguidade, douto era sinônimo de sábio. Por isso é que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que diante dEle se prostram.

9. O mesmo se dá hoje com as grandes verdades que o Espiritismo revelou. Alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos tão poucos esforços façam para os convencer. A razão está em que estes últimos cuidam preferentemente dos que procuram, de boa fé e com humildade, a luz, do que daqueles que se supõem na posse de toda a luz e imaginam, talvez, que Deus deveria dar-se por muito feliz em atraí-los a si, provando-lhes a sua existência.

O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, por isso que a derrama em ondas por toda a parte, de tal sorte que só cegos não a veem. A esses não quer Deus abrir à força os olhos, dado que lhes apraz tê-los fechados. A vez deles chegará, mas é preciso que, antes, sintam as angústias das trevas e reconheçam que é a Divindade e não o acaso quem lhes fere o orgulho. Para vencer a incredulidade, Deus emprega os meios mais convenientes, conforme os indivíduos. Não é à incredulidade que compete prescrever-lhe o que deva fazer, nem lhe cabe dizer: “Se me queres convencer, tens de proceder dessa ou daquela maneira, em tal ocasião e não em tal outra, porque essa ocasião é a que mais me convém.”

Não se espantem, pois, os incrédulos de que nem Deus, nem os Espíritos, que são os executores da sua vontade, se lhes submetam às exigências. Inquiram de si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores se lembrasse de lhes prescrever fosse o que fosse. Deus impõe condições e não aceita as que lhe queiram impor. Escuta, bondoso, os que a Ele se dirigem humildemente e não os que se julgam mais do que Ele.

10. Perguntar-se-á: não poderia Deus tocá-los pessoalmente, por meio de manifestações retumbantes, diante das quais se inclinassem os mais obstinados incrédulos? É fora de toda dúvida que o poderia; mas, então, que mérito teriam eles e, ao demais, de que serviria? Não se vêem todos os dias criaturas que não cedem nem à evidência, chegando até a dizer: “Ainda que eu visse, não acreditaria, porque sei que é impossível?” Esses, se se negam assim a reconhecer a verdade, é que ainda não trazem maduro o espírito para compreendê-la, nem o coração para senti-la. O orgulho é a catarata que lhes tolda a visão. De que vale apresentar a luz a um cego? Necessário é que, antes, se lhe destrua a causa do mal. Daí vem que, médico hábil, Deus primeiramente corrige o orgulho. Ele não deixa ao abandono aqueles de seus filhos que se acham perdidos, porquanto sabe que cedo ou tarde os olhos se lhes abrirão. Quer, porém, que isso se dê de moto-próprio, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles venham de si mesmos lançar-se-lhe nos braços e pedir-lhe perdão, quais filhos pródigos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 268 – 08/07/2012

O Consolador – (Cláudio Bueno da Silva)

III. Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes

Mistérios ocultos

O que leva o incrédulo a não aceitar as verdades espirituais?

O que o faz manter-se impermeável a certas doutrinas espiritualistas?

De onde vem a dificuldade para aceitar a doutrina espírita, por exemplo, já que os princípios universais que esta declara existem desde sempre; não foram conjecturados para formar mais uma filosofia, dentre tantas, mas consolidar ideias e práticas aceitas milenarmente em muitos lugares e por várias civilizações.

Uma pessoa do meu convívio, que não chega a ser atea, mas reluta sistematicamente em concordar com os argumentos espíritas, me disse que entende Deus como uma grande incógnita, um profundo mistério, acima das nossas pobres cogitações humanas, por isso não cuida Dele.

Com esse viés de incredulidade, ela se recusa a aceitar explicações que não sejam obtidas pela metodologia da ciência acadêmica que, como não é difícil compreender, é inadequada para aferir resultados de causa espiritual.

Em casos como este é inútil se pensar no argumento de Tomé: “É preciso ver para crer”, pois “ver”, para a maioria dos incrédulos, não muda, suas concepções. Também não é possível se dizer o que Deus deve fazer para superar a sua incredulidade, pois Deus não se submete a quaisquer exigências ou imposições. Apenas “ouve com bondade os que o procuram humildemente, e não os que se julgam mais do que Ele”.

A compreensão das questões transcendentais que envolvem o problema de Deus, do ser e das leis divinas, parece não depender só da inteligência, pois muitas pessoas preparadas intelectualmente costumam rejeitar as respostas obtidas com a ajuda do conhecimento espiritual.

Allan Kardec afirma que essa compreensão é bastante facilitada e mais completa com o desenvolvimento do senso moral no indivíduo (1), o que lhe permite entender, sem esforço, a preponderância do elemento espiritual e suas leis específicas sobre o elemento material, que lhe é subalterno e coadjuvante.

Sobre a questão de muitas pessoas terem dificuldade em aceitar as verdades espirituais, assimiladas tão naturalmente por tantas outras, há n’O Evangelho segundo o Espiritismo um comentário de Kardec esclarecendo um texto do evangelista Mateus (XI: 25):

Mistérios ocultos aos sábios e prudentes.

Nele, o codificador afirma que Deus jamais oculta a luz da verdade a nenhuma criatura, ao contrário, a espalha prodigamente por toda a face da Terra. Explica que a inteligência no mundo, quase sempre, está associada ao orgulho e à vaidade que, normalmente, levam o homem a supor-se autossuficiente, satisfeito em buscar os segredos da Terra, que para ele bastam, pondo assim, uma venda nos próprios olhos.

Enquanto os vícios morais impedem o orgulhoso de “ver”, o simples e humilde pode, com as virtudes conquistadas, desvendar os segredos do Céu.

Portanto, são dois sentimentos antagônicos — orgulho e humildade — que situam os seres em níveis diferentes de compreensão, e que os colocam mais ou menos próximos do ideal de verdade, proposto por Jesus de Nazaré e ratificado pelo Espiritismo.

Os que já detêm a sabedoria do Céu continuarão se aprimorando, com a amplitude de vistas que esse conhecimento lhes faculta. Os que se contentam com as razões do mundo precisarão amadurecer para compreender, e preparar o coração para sentir.

Deus, que não quer abrir os seus olhos à força, os aguardará, enquanto lutam contra o próprio orgulho, até que passem a reconhecer Nele a mão que os governa.

(1) **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo XVII, Os bons espíritas.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 172 – 22/08/2010

O Consolador – (Rogério Coelho)

III. Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes

Incrédulos e sábios

“Graças te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e prudentes e por, as teres revelado aos simples e pequenos.”

– Jesus (Mt., 11:25.)

O homem, muitas vezes vitimado pela vaidade intelectual, erguido por si mesmo ao pedestal de enganosa autossuficiência, perde-se e aturde-se em muitas encarnações seguidas, nas intrincadas veredas evolutivas.

Distraído pelo “canto da sereia” das ilusões que o agrilhoa ao enxurdeiro das sensações físicas, olvida os reais valores do Espírito Imortal e, em seu detrimento, atrela-se inerte e prazenteiro aos subalternos convites de César e Mamon.

Induzidos por falsos conceitos – milenarmente arraigados no seio das civilizações –, os homens tornam-se brinquedos das paixões e a incredulidade ganha terreno na leira fértil da invigilância, amealhando para as suas fileiras quantos se comprazem nos alvitre das cogitações chãs, sem maiores horizontes, senão os limitados pelos painéis apoucados construídos por suas tendências materialistas.

Incrédulos por decepções, incrédulos por falso saber, riem-se de forma escarninha das questões metafísicas por não lhes apreenderem as sutilíssimas nuances, tudo reduzindo em termos de crença e estudo somente o que alcança os estreitos sentidos materiais. Ver para crer, dizem.

Modernos Nicodemos e Tomés, doutores ciosos, encastelados em tola vaidade, ainda tornam plena de atualidade a célebre pergunta de Jesus ao doutor da lei(1):

- “Mas, se não credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do Céu?”

O Espiritismo não possui vertente proselitista. Simplesmente acolhe em seu aconchegante regaço todos aqueles que humildemente se postam em condições de adquirir a Ciência da vida.

Quanto aos incrédulos e aos sábios, piores estes do que aqueles, não nos compete convencê-los e com eles não nos devemos ocupar, de vez que, em um tempo determinado pelo Pai Celestial, eles se curvarão ante os fatos, contra os quais não haverá argumentação possível.

O progresso é uma inevitável fatalidade. Ninguém ou coisa alguma poderá obstá-lo, pelo singelo motivo de que o mesmo faz parte dos desígnios de Deus.

Todo Espírito refratário será atropelado pela força das coisas e mesmo à sua revelia efetivar-se-á o progresso pelo qual será levado de roldão.

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, itens 8 a 10 do capítulo VII, Allan Kardec clareia de forma magistral o significado do versículo registrado por Mateus (em epígrafe), iniciando por afirmar:

“Pode parecer singular que Jesus renda, graças a Deus, por haver revelado estas coisas aos simples e aos pequenos, que são os pobres de espírito, e por tê-las ocultado aos doutos e aos prudentes, mais aptos, na aparência, a compreendê-las.

É que cumpre se entenda que os primeiros são os humildes, são os que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a toda gente.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Os segundos são os orgulhosos, envaidecidos do seu saber mundano, os quais se julgam prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-LO, porquanto, na Antiguidade, **douto** era sinônimo de sábio.

Por isso é que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do Céu aos simples e aos humildes que diante d'Ele se prostram.

O mesmo se dá hoje com as grandes verdades que o Espiritismo revelou. Alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos tão poucos esforços façam para os convencer.

A razão está em que estes últimos cuidam preferentemente dos que procuram, de boa-fé e com humildade, a luz, do que daqueles que se supõem na posse de toda a luz e imaginam, talvez, que Deus deveria dar-Se por muito feliz em atraí-los a Si, provando-lhes a Sua existência.

Não se espantem, pois, os incrédulos de que nem Deus, nem os Espíritos, que são os executores da Sua vontade, se lhes submetam às exigências. Inquiram de si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores se lembrasse de lhes prescrever fosse o que fosse.

Deus impõe condições e não aceita as que Lhe queiram impor. Escuta, bondoso, os que a Ele se dirigem humildemente e não os que se julgam mais do que Ele.

O orgulho é a catarata que tolda a visão dos incrédulos e dos sábios. De que vale apresentar a luz a um cego? Necessário é que, antes, se Lhe destrua a causa do mal.

Daí vem que, médico hábil, Deus primeiramente corrige o orgulho. Ele não deixa ao abandono aqueles de Seus filhos que se acham perdidos, porquanto sabe que cedo ou tarde os olhos se lhes abrirão.

Quer, porém, que isso se dê de moto-próprio, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles venham de si mesmos lançar-se Lhe nos braços e pedir Lhe perdão, quais filhos pródigos.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

4. Instruções dos Espíritos: 1. O orgulho e a humildade

11. Que a paz do Senhor seja convosco, meus queridos amigos! Aqui venho para encorajar-vos a seguir o bom caminho.

Aos pobres Espíritos que habitaram outrora a Terra, conferiu Deus a missão de vos esclarecer. Bendito seja Ele, pela graça que nos concede: a de podermos auxiliar o vosso aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e ajude a tomar compreensível a minha palavra, outorgando-me o favor de pô-la ao alcance de todos! Oh! Vós, encarnados, que vos achais em prova e buscais a luz, que a vontade de Deus venha em meu auxílio para fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é virtude muito esquecida entre vós. Bem pouco seguidos são os exemplos que dela se vos têm dado. Entretanto, sem humildade, podeis ser caridosos com o vosso próximo? Oh! Não, pois que este sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente, e os induz ao bem. Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuís, como se trouxésseis um vestuário para ocultar as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos dAquele que nos salvou; lembrai-vos da sua humildade, que tão grande o fez, colocando-o acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas deferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre. Julgam que os títulos e as riquezas lhes são deferidas; pelo que, quando Deus lhes retira, o acusam de injustiça. Oh! Irrisão e cegueira! Pois, então, Deus vos distingue pelos corpos? O envoltório do pobre não é o mesmo que o do rico? Terá o Criador feito duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; não lhe atribuais nunca as ideias que os vossos cérebros orgulhosos engendram.

Ó rico! Enquanto dormes sob dourados tetos, ao abrigo do frio, ignoras que jazem sobre a palha milhares de irmãos teus, que valem tanto quanto tu? Não é teu igual, o infeliz que passa fome? Ao ouvires isso, bem o sei, revolta-te o teu orgulho. Concordarás em dar-lhe uma esmola, mas em lhe apertar fraternalmente a mão, nunca. “Pois quê! Dirás, eu, de sangue nobre, grande da Terra, igual a este miserável coberto de andrajos! Vã utopia de pseudofilósofos! Se fôssemos iguais, por que o teria Deus colocado tão baixo e a mim tão alto?” É exato que as vossas vestes não se assemelham; mas despi-vos ambos: que diferença haverá entre vós? A nobreza do sangue, dirás: a química, porém, ainda nenhuma diferença descobriu entre o sangue de um grão senhor e o de um plebeu; entre o do senhor e o do escravo. Quem te garante que também tu já não tenhas sido miserável e desgraçado como ele? Que também não haja pedido esmola? Que não a pedirás um dia a esse mesmo a quem hoje desprezas? São eternas as riquezas? Não desaparecem quando se extingue o corpo, envoltório perecível do teu Espírito? Ah! Lança sobre ti um pouco de humildade! Põe os olhos, afinal, na realidade das coisas deste mundo, sobre o que dá lugar ao engrandecimento e ao rebaixamento no outro; lembra-te de que a morte não te poupará, como a nenhum homem; que os teus títulos não te preservarão do seu golpe; que ela te poderá ferir amanhã, hoje, a qualquer hora. Se te enterras no teu orgulho, oh! Quanto então te lamento, pois bem digno de compaixão serás.

Orgulhosos! Que éreis antes de serdes nobres e poderosos? Talvez estivésseis abaixo do último dos vossos criados. Curvai, portanto as vossas, fronte altaneiras, que Deus pode fazer se abaixem, justo no momento em que mais as elevardes. Na balança divina, são iguais todos os homens; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. São da mesma essência todos os Espíritos e formados de igual massa todos os corpos. Em nada os modificam os vossos títulos e os vossos nomes eles permanecerão no túmulo e de modo nenhum contribuirão para que gozeis da ventura dos eleitos. Estes, na caridade e na humildade é que têm seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! És mãe, teus filhos sofrem; sentem frio; têm fome, e tu vais, curvada ao peso da tua cruz, humilhar-te, para lhes conseguir um pedaço de pão! Oh! Inclino-me diante de ti. Quão nobremente santa és e quão grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos que nele confiam, concede Deus o Reino dos Céus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

E tu, donzela, pobre criança lançada ao trabalho, às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que choras? Dirige a Deus, piedoso e sereno, o teu olhar: Ele dá alimento aos passarinhos; tem-lhe confiança: Ele não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo, faz bater-te o coração; também desejaras adornar de flores os teus cabelos e misturar-te como os venturosos da Terra. Dizes de ti para contigo que, como essas mulheres que vês passar, despreocupadas e risonhas, também poderias ser rica. Oh! Cala-te, criança! Se soubesses quantas lágrimas e dores inomináveis os ocultam sob esses vestidos recamados, quantos soluços são abafados pelos sons dessa orquestra rumorosa, preferirias o teu humilde retiro e a tua pobreza. Conserva-te pura aos olhos de Deus, se não queres que o teu anjo guardião para o seu seio volte, cobrindo o semblante com as suas brancas asas e deixando-te com os teus remorsos, sem guia, sem amparo, neste mundo, onde ficarias perdida, a aguardar a punição no outro.

Todos vós que dos homens sofreis injustiças, sede, indulgentes para as faltas dos vossos irmãos, ponderando que também vós não vos achais isentos de culpas; é isso caridade, mas é igualmente humildade. Se sofreis pelas calúnias, abaixai a cabeça sob esta prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se é puro o vosso proceder, não pode Deus vo-las compensar? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Ó meu Deus, será preciso que o Cristo volte segunda vez à Terra para ensinar aos homens as tuas leis, que eles olvidam? Terá que de novo expulsar do templo os vendedores que conspurcam a tua casa, casa que é unicamente de oração? E, quem sabe? Ó homens! Se o não renegaríeis como outrora, caso Deus vos concedesse essa graça! Chamar-lhe íeis blasfemador, porque abateria o orgulho dos modernos fariseus. É bem possível que o fizésseis perlustar novamente o caminho do Gólgota.

Quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o Deus verdadeiro. Homens e mulheres deram o ouro e as joias que possuíam, para que se construísse um ídolo que entraram a adorar. Vós outros, homens civilizados, os imitais. O Cristo vos legou a sua doutrina; deu-vos o exemplo de todas as virtudes e tudo abandonastes, exemplos e preceitos. Concorrendo para isso com as vossas paixões, fizestes um Deus a vosso jeito: segundo uns, terrível e sanguinário; segundo outros, alheado dos interesses do mundo. O Deus que fabricastes é ainda o bezerro de ouro que cada um adapta aos seus gostos e às suas ideias.

Desperta, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos ecoe nos vossos corações. Sede generosos e caridosos, sem ostentação, isto é, fazei o bem com humildade. Que cada um proceda pouco a pouco à demolição dos altares que todos ergueram ao orgulho. Numa palavra: sede verdadeiros cristãos e tereis o Reino da Verdade. Não continueis a duvidar da bondade de Deus, quando dela vos dá Ele tantas provas. Vimos preparar os caminhos para que as profecias se cumpram. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais retumbante da sua clemência, que o enviado celeste já vos encontre formando uma grande família; que os vossos corações, mansos e humildes, sejam dignos de ouvir a palavra divina que Ele vos vem trazer; que ao eleito somente se deparem em seu caminho as palmas que aí tendes deposto, volvendo ao bem, à caridade, à fraternidade. Então o vosso mundo se tornará o paraíso terrestre. No entanto, se permanecerdes insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica de ciência, mas tão pobre de bons sentimentos, ah! Então não vos restará senão chorar e gemer pela vossa sorte. Mas não, assim não será. Voltai para Deus, vosso Pai, e todos nós que houvermos contribuído para o cumprimento da sua vontade entoaremos o cântico de ação de graças, agradecendo-lhe a inesgotável bondade e glorificando-o por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

– Lacordaire. (Constantina, 1863.)

12. Homens, por que vos queixais das calamidades que vós mesmos amontoastes sobre as vossas cabeças? Desprezastes a santa e divina moral do Cristo; não vos espanteis, pois, de que a taça da iniquidade haja transbordado de todos os lados.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Generaliza-se o mal-estar. A quem inculpar, senão a vós que incessantemente procurais esmagar-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes, sem mútua benevolência; mas, como pode a benevolência coexistir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males. Aplicai-vos, portanto, em destruí-lo, se não lhe quiserdes perpetuar as funestas consequências. Um único meio se vos oferece para isso, mas infalível: tomardes para regra invariável do vosso proceder a lei do Cristo, lei que tendes repellido ou falseado em sua interpretação.

Por que haveis de ter em maior estima o que brilha e encanta os olhos, do que o que toca o coração? Por que fazeis do vício na opulência objeto das vossas adulações, ao passo que desdenhais do verdadeiro mérito na obscuridade? Apresente-se em qualquer parte um rico debochado, perdido de corpo e alma, e todas as portas se lhe abrem, todas as atenções são para ele, enquanto ao homem de bem, que vive do seu trabalho, mal se dignam todos de saudá-lo com ar de proteção. Quando a consideração dispensada aos outros se mede pelo ouro que possuem ou pelo nome de que usam, que interesse podem eles ter em se corrigirem de seus defeitos?

Dar-se-ia o inverso, se a opinião geral fustigasse o vício dourado, tanto quanto o vício em andrajos; mas, o orgulho se mostra indulgente para com tudo o que o lisonjeia. Século de cupidez e de dinheiro, dizeis. Sem dúvida; mas por que deixastes que as necessidades materiais sobrepujassem o bom senso e a razão? Por que há de cada um querer elevar-se acima de seu irmão? Desse fato sofre hoje a sociedade as consequências.

Não esqueçais que tal estado de coisas é sempre sinal certo de decadência moral. Quando o orgulho chega ao extremo, tem-se um indício de queda próxima, porquanto Deus nunca deixa de castigar os soberbos. Se por vezes consente que eles subam, é para lhes dar tempo a reflexão e a que se emendem, sob os golpes que de quando em quando lhes desfere no orgulho para os advertir. Mas, em lugar de se humilharem, eles se revoltam. Então, cheia a medida, Deus os, abate completamente e tanto mais horrível lhes é a queda, quanto mais alto hajam subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todas as sendas, toma novamente coragem, apesar de tudo. Em sua misericórdia infinita, Deus te envia poderoso remédio para os teus males, um inesperado socorro à tua miséria. Abre os olhos à luz: aqui estão as almas dos que já não vivem na Terra e que te vêm chamar ao cumprimento dos deveres reais. Eles te dirão, com a autoridade da experiência, quanto as vaidades e as grandezas da vossa passageira existência são mesquinhas a par da eternidade. Dir-te-ão que, lá, o maior é aquele que haja sido o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou os seus irmãos será também o mais amado no céu; que os poderosos da Terra, se abusaram da sua autoridade, ver-se-ão reduzidos a obedecer aos seus servos; que, finalmente, a humildade e a caridade, irmãs que andam sempre de mãos dadas, são os meios mais eficazes de se obter graça diante do Eterno.

— Adolfo, bispo de Argel. (Marmande, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 92 – 01/02/2009

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

IV. Instruções dos Espíritos:

I. O orgulho e a humildade

A mensagem da humildade

“Não julgueis que vim destruir a lei e os profetas; eu não vim destruí-los, mas dar-lhes cumprimento.” (Jesus, Mateus, Capítulo V, versículo 17)

Há quase dois milênios a humanidade terrestre atingiu sua maioridade espiritual e Jesus, Ele mesmo, veio trazer a mensagem generosa do amor e da fraternidade. A Sua proposta de humildade e simplicidade teve seu início na manjedoura, como a dizer ao mundo a imperiosa necessidade de vivermos despidos do orgulho e da ostentação.

Cresceu entre criaturas pobres, viveu num ambiente rústico, enfrentando todas as dificuldades inerentes à época.

Para o seu trabalho de mensageiro jamais requisitou qualquer privilégio pessoal, nem tampouco exigiu qualquer aparato exterior. Espalhou sua boa palavra nas praças públicas, nos locais simples, sempre preocupado com o interior da criatura humana.

Falou de esperanças, da vida eterna, de um Pai Amoroso, Único, Perfeito. Conclamou todos ao exercício do bem, inclusive a retribuirmos com o bem todo o mal que nos fizerem. Proclamou o perdão como forma de desenvolvermos boa convivência com os homens.

Afirmou que, perante Deus, somos todos iguais, quer sejamos ricos ou pobres, brancos ou de cor, religiosos ou não. Disse ainda que cabe aos mais ricos zelar pelos mais pobres, aos mais fortes amparar os mais fracos, aos intelectuais proteger os menos cultos.

Sua grande característica foi o constante contato com o povo, jamais fugindo daqueles que o procuravam. Seus amigos mais próximos não foram os doutores da época, apesar da cultura que o Mestre portava; não foram os afortunados, mas sim os sofredores, aqueles que jaziam vitimados por problemas físicos, morais, espezinhados pelas injustiças e pela opressão dos poderosos. Sua palavra firme encontrou solo fértil nos “pequeninos” e nas viúvas.

Em nenhum lugar do Evangelho se encontra informação que se vestia a rigor para fazer suas pregações, que usava acessórios para impressionar seus seguidores. Sua arma era, sem dúvida, a própria mensagem, repleta de ensinamento e de muito amor.

Convencia pela bondade e pelo conteúdo do que dizia; enfim, eram marcas patentes do Mestre: a simplicidade e a humildade.

Hoje a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, carrega consigo o propósito de restaurar o Evangelho de Jesus, deturpado que fora pelos interesses humanos através dos tempos. É a Doutrina Espírita o Consolador prometido.

E se nós espíritas quisermos seguir adiante com a pureza do cristianismo não nos esqueçamos dos exemplos de Jesus. A obra que o Nazareno deixou à humanidade é a construção do homem e não a suntuosidade dos templos.

Ele jamais se preocupou com os patrimônios da Terra, mas muito se dedicou à edificação da criatura humana. E se sua obra está no mundo há quase dois mil anos e ainda não foi entendida, significa que nós ainda não cuidamos disso.

As Casas Espíritas devem imitar Jesus, cuidar de instalações seguras, mais humildes e simples, como humildes e simples foram seus exemplos. Se a tarefa é a construção de um homem melhor, que nos misturemos com os simples, com os sofredores, com aqueles que se fazem solo fértil para as mudanças. Se a obra de Jesus tivesse o intuito de começar por cima, teria sido informada nas Universidades e não numa manjedoura.

Revelada na Grécia e não em Israel. Se tivesse o desejo do gigantismo e da ostentação, teria sido confiada a uma organização imperial e não à gente do povo.

Meditemos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 190 – 02/01/2011

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

IV. Instruções dos Espíritos:

I. O orgulho e a humildade

Viver em paz

“Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus.”

(Mateus, cap. V, v. 8.)

A paz que queremos no mundo nascerá da paz que cada habitante deste planeta guardar dentro de si.

Nenhum benefício ou conquista surgirá de forma gratuita ou sem qualquer esforço. Na vida, toda prosperidade dependerá de empenho e dedicação, se realmente pretendemos concretizar a evolução da humanidade.

O orgulho entre os homens, tem sido uma terrível chaga geradora de intensos prejuízos sociais.

Acreditando ser a melhor e a mais importante, a criatura se posiciona como alguém credor de todas as atenções e considerações, e, quando tal não ocorre, se repleta de mágoas, ressentimentos e tristezas.

Agindo assim, ao invés, de cultivar a paz, o ser humano alimenta uma guerra interior, que acaba por influenciar os que estão ao seu redor e daí criar, à sua volta, uma ambiência de desconforto e insatisfações.

Tal comportamento, tão frequente, tem o poder de afugentar a paz que todos nós, com ansiedade, buscamos.

E o mais curioso é que identificamos grande alarido social implorando aos órgãos políticos e administrativos do mundo que trabalhem e tracem planos para que a paz se concretize no mundo, no entanto, a maioria daqueles que a exigem carrega montanhas de conflitos no coração, a se derramarem em grandes perturbações coletivas, impedindo que a serenidade possa morar entre os homens.

Clamam pela paz fazendo a guerra em seus círculos de influências.

Outro obstáculo que atrapalha sobremaneira o alcance dos objetivos delineados é o egoísmo. O egoísta acredita que tudo deva ser dele, que o mundo precisa girar sempre a seu favor, não se importando com as demais criaturas que o cercam.

É insensível e só tem olhos para ver o que lhe interessa diretamente. Pensa somente em si e passa pela vida pensando ser o único filho de Deus.

O referido comportamento, muito abundante, em nosso meio social, também tem oferecido imensa contribuição para que a dor e o sofrimento tenham provocado tantos males no âmago das comunidades.

Orgulho e egoísmo, bases sólidas para o nascedouro de tantos conflitos sociais, responsáveis diretos pelas dificuldades que a paz encontra para se estabelecer no coração da humanidade.

Não basta tão-somente o desejo da paz, é imprescindível estabelecer o patamar ideal para a sua sustentação. E esse suporte indispensável para que ela se estabeleça denomina-se humildade, essa virtude tão escassa no seio da humanidade.

Humildade, quando o homem se posiciona com lucidez e equilíbrio, tendo plena consciência de que não é o único e nem o mais importante no mundo. Quando compreende que

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

uma grande máquina tem funcionamento perfeito quando todas as peças que a compõem trabalham em harmonia e serenidade.

Humildade que permitirá a percepção de que a paz e a felicidade que tanto queremos nascerão da paz e da felicidade que plantarmos nos corações alheios.

Dentro do princípio de que é “dando que se recebe”, não será possível receber paz sem oferecê-la. Para tanto, indispensável se torna o empenho de todo esforço possível para que eliminemos, do coração, quaisquer resquícios de orgulho e egoísmo e façamos nascer a humildade e a simplicidade.

Reflitamos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

4. Instruções dos Espíritos: 2 Missão do homem inteligente na Terra

13. Não vos ensoberbeçais do que sabeis, porquanto esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que habitais. Suponhamos sejais sumidades em inteligência neste planeta: nenhum direito tendes de envaidecer-vos. Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer a utilizeis para o bem de todos; é uma missão que vos dá, pondo-vos nas mãos o instrumento com que podeis desenvolver, por vossa vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a ele. A natureza do instrumento não está a indicar a que utilização deve prestar-se? A enxada que o jardineiro entrega a seu ajudante não mostra a este último que lhe cumpre cavar a terra? Que diríeis, se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu patrão? Diríeis que é horrível e que ele merece ser expulso.

Pois bem: não se dá o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Não levanta ele contra o seu senhor a enxada que lhe foi confiada para arrotear o terreno? Tem ele direito ao salário prometido? Não merece, ao contrário, ser expulso do jardim? Sê-lo-á, não duvideis, e atravessará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante dAquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas, sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance. Infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu.

— Ferdinando, Espírito protetor. (Bordéus, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Crônicas e Artigos

Nº 283 – 21/10/2012

O Consolador – (Cláudia Gelernter)

IV. Instruções dos Espíritos:

II. Missão do homem inteligente na Terra

Missão do homem inteligente na Terra

“Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer a utilizeis para o bem de todos.” – Ferdinando (França – 1862).

A história humana é apontada como sendo um movimento constante e dialético, onde nós – seus construtores – atuamos de forma efetiva, ora negando a realidade, ora refazendo-a com outros parâmetros.

Desta forma, vamos construindo novos sistemas, derrubando alguns preconceitos, criando outros, clareando pontos obscuros e, paradoxalmente, seguimos outros caminhos que muitas vezes produzem novas medusas sociais que nos aterrorizam e consomem.

Durante a era medieval arrastamos séculos obscuros. O feudalismo – sistema econômico, político e social que se fundamentou basicamente sobre a propriedade da terra cedida pelo senhor feudal ao vassalo em troca de serviços mútuos – não permitia o uso da mente. Para auxiliar o homem a romper definitivamente com essa realidade, onde todas as explicações eram teológicas, certos pensadores europeus passaram a negar a existência de Deus.

Alguns filósofos, tais como Nietzsche (1844–1900), que foi atraído pelo ateísmo de outro filósofo chamado Schopenhauer (1788-1860), pautam seus escritos sob tal perspectiva. Buscam retirar o ser humano das amarras teológicas medievais, formulando a teoria da morte do Criador, indo de um ponto do pêndulo para o outro. Nesta nova fase, só a razão poderia prevalecer.

Demerval Saviani, autor do livro “Escola e Democracia” (1983), buscando esmiuçar a realidade educacional da atualidade e inspirando-se numa frase de Lênin, fala-nos sobre uma ideia bastante interessante, batizada com o nome de “teoria da curvatura da vara”. Lênin, quando fora criticado por assumir posições extremistas e radicais, respondeu aos acusadores da seguinte maneira: “Quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e, se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto”.

Apoio-me nesta fantástica analogia para demonstrar ao caro leitor como o ser humano vem buscando seu ponto de equilíbrio, desde as questões amplas (sociais), até as questões do próprio indivíduo para com ele mesmo, indo de um extremo ao outro, para então acomodar-se no centro – uma posição de equilíbrio e harmonia.

Passamos da fase negra medieval, onde o homem não raciocinava, para a fase da racionalidade total. Num momento negamos a razão, no outro negamos o Espírito, negamos Deus.

Muito satisfatoriamente já podemos perceber um movimento grande no sentido de reconsiderar todos os aspectos que envolvem nossa existência, inclusive reavaliando este mesmo Deus, realizando uma releitura do tema, onde Ele passa a ser explicado como sendo Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas, soberanamente Justo e Bom – muito distante da figura antropomórfica criada no início para nos facilitar o entendimento ainda infantil.

Neste ponto cabe uma pergunta: Será que invariavelmente necessitamos caminhar pelos extremos antes de percebermos a necessidade de considerarmos os múltiplos aspectos existentes e assim tomarmos uma posição mais moderada?

A experiência tem demonstrado que sim. Ao que parece, esta dialética é necessária ao ser humano. Ela faz parte do aprendizado, na construção de todo o seu conhecimento.

Mas isso não quer dizer que devemos compactuar com os extremos. Jesus, o Grande Mestre da antiguidade, certa vez elaborou uma frase muito interessante. Disse ele que:

“É preciso que haja escândalos, mas ai de quem os provocar” (Mateus, cap. XVIII, v. de 6 a 11).

Devemos entender aqui como escândalo, não o barraco que acontece na casa do vizinho, mas, no sentido evangélico, como toda atitude que promove desequilíbrio. É todo resultado efetivo do mal moral.

Sim, precisamos passar por fases de aprendizado, muitas vezes complicados e doloridos, porém nunca devemos almejar sermos as ferramentas que causam tais dores.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Nietzsche partiu da Terra para o Outro Lado com sérios problemas de saúde, inclusive mentais. Schopenhauer, sempre pessimista e deprimido, escreveu sobre seus tormentos psicológicos, suas amarguras e carências, denotando também uma mente que, mesmo sendo possuidora de fino trato intelectual, era enferma e desequilibrada.

Retornando à concepção de Deus como sendo o Criador Perfeito que nos ensina através da pedagogia do amor (como ensinava Jesus), necessitamos refletir que, portanto, é Ele quem nos permite estar neste planeta, exatamente da forma como somos – com certos atributos físicos necessários para o desenvolvimento individual e coletivo.

Portanto, quando nos deparamos com criaturas bastante inteligentes (porém limitadas, uma vez que nossos conhecimentos ainda são muito estreitos, no atual estágio evolutivo), que usam seu intelecto para criar mecanismos de destruição da Criação ou até mesmo do Criador, podemos compará-las com jardineiros que recebem a enxada para trabalhar nas terras do patrão e que, num ato de ingratidão e irresponsabilidade, usam esta ferramenta para destruir sua lavoura, para atacá-lo e exterminá-lo.

Assim são os criadores das guerras, da indústria bélica, da engenharia da destruição que ainda assolam o planeta. Assim são aqueles que usam o raciocínio para negar Aquele que nos criou e que nos permite viver.

Dia virá em que todas as nossas experiências extremistas, que nos causam tantos tormentos voluntários, nos conduzirão ao caminho do equilíbrio constante. Será a era do coração aliado à razão. Era da sabedoria.

Enquanto esta fase de harmonia geral não chega, precisamos nos esforçar no sentido de utilizarmos positivamente as nossas inteligências, conjuntamente com nossos melhores sentimentos, no sentido de promovermos o bem, colaborando assim para a construção de um mundo realmente melhor.

Este artigo foi baseado no texto “Missão do homem inteligente na Terra”, contido em: **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo VII, item 13.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 65 – 20/07/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

IV. Instruções dos Espíritos:

II. Missão do homem inteligente na Terra

Inteligência e instinto

É à alma que o homem deve sua inteligência e racionalidade

1. A inteligência é o atributo essencial do Espírito, em razão do qual toma ele conhecimento de sua própria existência e exerce atividades voluntárias e livres. Quando o Espírito atinge o grau de humanização, sua inteligência adquire desenvolvimento superior, como o surgimento da razão e do senso moral, que lhe facultam a capacidade de conceber e reconhecer a existência de Deus.
2. Realizando múltiplos atos livres e voluntários, apresentando finalidade nítida e obedecendo a juízos e raciocínios bem elaborados, o homem é um ser que revela dupla natureza: **material** e **espírita**. Não nos esqueçamos de que há uma alma unida ao corpo do homem e somente a ela deve ele sua inteligência e racionalidade, seus conhecimentos e sentimentos, bem como sua vontade e liberdade.
3. Existem, entretanto, seres que realizam atos em que se revela também nítida finalidade, mas que parecem obedecer antes a automatismos que a impulsos decorrentes da livre vontade. Tais atos visam sobretudo à conservação do indivíduo e da espécie, objetivando as funções de nutrição e de reprodução, provendo ao crescimento, ao desenvolvimento e à propagação, enfim, da plena realização da vida.
4. Esses atos são devidos ao instinto – são os chamados atos instintivos. Existem esboçados no reino vegetal, mas são bem mais evidentes no reino animal, tanto quanto na espécie humana, e ocorrem, seja no homem, seja nos animais, ao lado dos atos inteligentes.

A inteligência e o instinto decorrem do mesmo princípio

5. Existe diferença entre o instinto e a inteligência? Será o instinto, como alguns pensam, um atributo inerente à matéria e não à alma? Se assim fosse, teríamos de admitir que a matéria é também inteligente, o que é manifestamente falso. Ora, se ao ato instintivo falta o caráter principal do ato inteligente, que é ser deliberado, revela, no entanto, uma causa inteligente, porque apta a prever e a evitar o engano, o que levou muitos estudiosos a admitir que instinto e inteligência procedem de um mesmo princípio, que inicialmente teria somente as qualidades do instinto e depois se desenvolveria, evoluiria e passaria por uma transformação que lhe daria as qualidades da inteligência livre.
6. Esta última hipótese não resiste a uma análise mais profunda, porque frequentemente o instinto e a inteligência se encontram juntos no mesmo ser e, às vezes, no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, é instintivo o simples movimento das pernas, tanto no homem como no animal – um pé vai adiante do outro maquinalmente. Mas no acelerar o passo ou retardá-lo, bem como no levantar o pé para desviar-se de um obstáculo, intervém a vontade, a deliberação e o cálculo. De igual modo, o animal carnívoro é levado pelo instinto a alimentar-se de carne, mas age com inteligência e mesmo, astúcia quando toma medidas para garantir sua presa.
7. Em face disso é que se diz que o instinto é uma espécie de inteligência, enquanto outros afirmam que é uma inteligência sem raciocínio. O fato é que muitas vezes se torna difícil estabelecer um limite nítido de separação entre o instinto e a inteligência, porque muitas vezes eles se confundem.
8. Inteligência e instinto – e esta é a opinião mais comum – são manifestações do mesmo princípio espiritual, que obedecem a duas determinantes ou a dois motores diferentes: um ligado à

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO VII)

vontade e à liberdade do indivíduo, e outro que escapa totalmente à vontade e à liberdade. Nesse sentido, podem distinguir-se perfeitamente os atos que dependem da inteligência desenvolvida daqueles que decorrem estritamente do instinto.

Os atos inteligentes aprimoram-se com a aprendizagem

9. Sendo a inteligência, em sua plenitude, a faculdade de pensar e agir racional e deliberadamente, os atos inteligentes são conscientes, voluntários, livres e calculados. São, além disso, suscetíveis de variações, porque a inteligência, variável e individual por excelência, é suscetível de progresso. Os atos inteligentes decorrem do, aprendizagem e pelo, aprendizagem se aprimoram, fato que não ocorre com os atos instintivos.

10. Vejamos o exemplo do patinho: logo que rompe a casca do ovo que o mantinha encerrado, se vê próximo um córrego ou um lago, corre alegremente para ele e lança-se na água, nadando imediatamente com perfeição. Onde aprendeu o pato a nadar? São igualmente instintivos o ato do castor, que constrói sua casa com terra, água e galhos de árvores; o ato dos pássaros, que constroem com perfeição seus ninhos; o ato da aranha, que tece com precisão sua teia. Veem-se já aí alguns dos caracteres do instinto: é algo inato, perfeito e específico, ou seja, surge espontaneamente, sem prévia aprendizagem, em todos os indivíduos de uma mesma espécie e leva a atos completos, acabados, perfeitos, desde a primeira vez que são realizados.

11. Verifica-se, no entanto, que esses atos continuam durante toda a vida do ser sem mudança alguma. Essa capacidade de nadar, de construir, de tecer não sofre variação através dos tempos, de modo que o castor constrói hoje a sua cabana como o faziam seus ancestrais e assim farão os seus descendentes, com os mesmos materiais e da mesma maneira. Nas edificações dos homens, ao contrário, é evidente a evolução na forma e no uso dos materiais, porque decorrem de atos inteligentes, sujeitos à vontade e à liberdade, variáveis de acordo com as circunstâncias, o que é uma característica dos atos inteligentes.

12. O homem também deve a sua conservação e manutenção a atos instintivos, e não apenas aos atos inteligentes. Lembremos tão-somente o que se dá nos primeiros dias após o nascimento de uma criança, que, do mesmo modo como ocorre com as crias de outros mamíferos, suga o leite materno, sem que ninguém lhe tenha ensinado. A circulação sanguínea, o funcionamento do aparelho digestivo e tantas outras funções verificáveis no ser humano também se devem à força do instinto.

Bibliografia:

Kardec Allan, A Gênese (cap. 3, itens 11 a 17.)